

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2021

Nº 239

SETEMBRO - OUTUBRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441	Editorial	2
	Recordando Allan Kardec	4
	Submissão externa e ...	7
	Distanciados de Deus	9
	Tântalos	12
*	Autenticidade dos Evangelhos	13
Director Responsável : Manuela Vasconcelos	Oração da Paz de Espírito	17
	Luxo	18
	Luminosa Aliança	19
*	Períodos do Espiritismo	20
Tiragem : 150 exemplares Distribuição Gratuita	Pai Nosso	27
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Todos os anos, tem sido a mesma coisa: estamos sempre ansiosos pelo mês em que descontrairemos, longe da disciplina dos dias de trabalho que vivemos ao longo do ano, e de todas as outras tarefas, mais ou menos pendentes destes. Não foi diferente este ano, apesar dos confinamentos a que todos estivemos sujeitos, desde Março do ano findo. Porquê, então, esta ânsia pelos dias de férias se – melhor ou pior – as fomos vivendo em casa, cada um com o seu agregado familiar, ao longo de vários meses? O facto de estarmos em casa, não foi já uma espécie de férias?

Esta a pergunta que muitos de nós fomos fazendo ao longo dos meses, enquanto o tempo foi passando obrigando-nos a fazer aquilo que, a maioria das vezes, não queríamos: estar em casa, não podermos ir onde queríamos ou onde já tantas vezes nos deslocáramos, parecia-nos mais uma espécie de prisão que outra coisa... e, pouco a pouco, uns e outros, vendo os meses correrem sem esperança de uma qualquer modificação, foi criando uma ânsia grande, enorme, de que tudo passasse e se pudesse – finalmente! – gozar uns dias como queríamos, quer dizer, sem o ‘chavão’ do “não podemos”, “ainda é proibido”

E Agosto chegou e, com ele, aquela satisfação de voltarmos a viver como se fôssemos nós mesmos de novo, sem a coibição do “não pode ser”, “não convém”, “não sabemos o que vamos encontrar”... É como se ao longo destes meses tivéssemos todos criado uma camada tão grande de *stress* que precisávamos destas férias para voltarmos a sentirmo-nos “gente”!!!

Esta conclusão, levou-nos a uma outra em que talvez ainda não tivéssemos pensado: comparando o que temos agora com o que vivemos anteriormente, apesar de todos ou quase todos gritarmos que “a Felicidade não é deste mundo”, nós eramos todos felizes sem o sabermos ou reconhecermos porque, agora, com as restrições que vamos ainda encontrando – ou que chegam a um e a outro – damos por nós a perguntarmo-nos:

- Será que voltaremos a viver como anteriormente? Será que tudo passará, como um sonho mau de que um dia acordaremos para voltarmos a respirar fundo e seguirmos em frente, procurando juntar as ‘pontas desarticuladas’ de cada um para com elas fazermos, apenas, o caminho que anteriormente palmilhávamos?

Em parte, esperamos que sim; em parte, esperamos que não. Com todo o negativismo, dor, doença e mortes acontecidas, gostaríamos que tomássemos como um aviso todo o sofrimento vivido: sofrimento acontecido de várias maneiras e que – queiramos ou não – foi criado por nós, ao longo dos tempos, com todas as facilidades ambientais e técnicas que nos fomos dando; que tenha sido, realmente, uma lição-aviso a reter, para passarmos a agir com uma responsabilidade maior, não só em relação à natureza, vítima dos nossos comportamentos, como em relação a nós próprios e à maneira como estávamos usufruindo egoisticamente de tudo o que Deus nos dava, diariamente, sem medirmos consequências para a maneira como o fazíamos...

E, serenamente, vamos pensar que, se não tivermos em conta o acontecido como um aviso, e não nos modificarmos naquilo em que todos errámos poderemos, Amanhã, ter de enfrentar uma situação pior ainda que esta – de onde começamos agora a sair. Lembremo-nos que, pelo caminho, há o rasto dos doentes e dos cadáveres, mas também o dos desempregados e de

todos aqueles que não conseguiram enfrentar esta prova tão grande a marcar indelevelmente todos estes dias. Honremo-los com a nossa modificação e, sempre que os recordemos, tenhamos para com todos um aceno amigo, numa prece singela que se faça por cada um. Nós TAMBÉM podíamos ter vivido o que a eles lhes aconteceu...

Então, que cada um comece a construir um Amanhã melhor a viver ainda encarnado e, logo mais, quando passe a desencarnado, com certeza reconhecerá que terá valido a pena a sua modificação...

Muita paz para todos e que Setembro, o mês que se avizinha, seja o mês de cada um tentar recomeçar ... melhor!

Muita paz para todos.

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Reuniões e Sociedades – Reuniões em Geral

(Continuação)

Nunca repetiríamos demasiado: aí está não somente uma dificuldade, mas um perigo. O único meio de escapar a ele é submeter-se o médium ao controle de pessoas desinteressadas e bondosas que, julgando as comunicações com frieza e imparcialidade, possam abrir-lhe os olhos e levá-lo a perceber o

que não ver por si mesmo. Ora, todo médium que teme esse julgamento, já se encontra no caminho da obsessão. Aquele que pensa que a luz só foi feita para ele já está completamente subjugado. Se leva a mal as observações e as repele, irritando-se com elas, não há dúvida quanto à natureza má do Espírito que o assiste.

Já dissemos que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para compreender os erros, que pode deixar-se enganar pelas palavras bonitas e pela linguagem pretençiosa, deixando-se seduzir pelos sofismas, tudo isto na maior boa fé. Eis porque, na falta de suas próprias luzes, deve modestamente recorrer às luzes dos outros, segundo os ditados populares de que **quatro olhos vêem melhor do que dois** e de que **ninguém é bom juiz em causa própria**. É desse ponto de vista que as reuniões são de grande utilidade para o médium, se ele for bastante sensato para ouvir os conselhos, porque nelas se encontram pessoas mais esclarecidas do que ele, capazes de perceber os matices frequentemente muito delicados, pelos quais o Espírito revela a sua inferioridade.

Todo médium que sinceramente não queira transformar-se em instrumento da mentira deve procurar produzir nas reuniões sérias, levando para elas o que tiver obtido em particular. Deve aceitar com reconhecimento e até mesmo solicitar o exame crítico das comunicações. Se estiver assediado por Espíritos enganadores, será esse o meio mais seguro de se livrar deles, provando-lhes que não o podem enganar. Aliás, o médium que se irrita com a crítica, tanto menos razão tem para isso quanto o seu amor próprio não está envolvido no assunto, pois se o que escreve não é dele, ao ler a má comunicação a sua responsabilidade é semelhante à de quem lesse os versos de um mau poeta.

Insistimos nesse ponto porque se é ele um tropeço para os médiuns, também o é para as reuniões que não devem confiar levemente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de qualquer médium obsedado ou fascinado ser-lhes-ia mais prejudicial do que útil. Elas não devem aceitá-lo. Julgamos já haver desenvolvido o suficiente para mostrar-lhes que não podem enganar-se quanto às características da obsessão, se o médium não for capaz de reconhecê-la por si mesmo. Uma das mais evidentes é, sem dúvida, a pretensão de estar sozinho com a razão, contra todos os demais. Os médiuns obsedados que não querem reconhecer a sua situação assemelham-se a esses doentes que se iludem quanto à saúde, perdendo-se por não se submeterem ao regime necessário.

(Conclusão da transcrição do nº. 329 do capítulo XXIX de O LIVRO DOS MÉDIUNS, 8ª ed. Lake em 1978. Continuaremos a transcrever este capítulo em nºs. posteriores da nossa Revista).

*

Vem progredindo bastante o Espiritismo, desde alguns anos, mas o seu maior progresso verifica-se depois que entrou no rumo filosófico, porque despertou a atenção de pessoas esclarecidas. Hoje não é mais uma diversão, mas uma doutrina de que não riem os que zombavam das mesas girantes. – ALLAN KARDEC : o Livro dos Médiuns – Introdução.

*

SUBMISSÃO EXTERNA E LIBERTAÇÃO INTERIOR

O Espiritismo representa a carta de alforria para os escravos de si mesmos.

“Jesus, demonstrando a excelência de Sua Doutrina doou a vida, de tal forma, que ensinou a submissão externa com a plena liberdade individual íntima que nenhuma força logra submeter.” – VIANNA DE CARVALHO¹

Desde as mais remotas eras a escravidão enodou a história da Civilização. Tribos bárbaras vencendo umas às outras subjogavam os sobreviventes. Estendeu-se a escravidão até ao Egito, à Pérsia, à Caldeia, à Assíria, à Grécia, etc.... Roma escravizou todo o mundo conhecido à sua época. O novo mundo não foi exceção, vez que tal regime foi adoptado pela Espanha, Portugal e, para vergonha nossa, até à segunda metade do século XIX essa nódoa manchou o Brasil.

Explodiram aqui e acolá os movimentos libertários e a escravidão foi extinta em muitos pontos do planeta. Sem embargo, surgiu outra: a dominação plutocrática das nações pobres pelas ricas, submetendo pelo poder económico os povos classificados como do “terceiro mundo”.

Actualmente existe também uma cruel escravidão à qual voluntariamente se submetem magotes imensos de criaturas, nas mais variadas classes sociais: é a escravidão dos vícios fatais e alienantes! Sob as tenazes das viciações, essas criaturas são conduzidas aos bátratos infernais do desequilíbrio físico e

emocional, sob o palio do egoísmo soez, numa destruição de vidas incontáveis e esvaziamento de ideais nobres nas fráguas turbilhonantes dos apetites grosseiros, deixando um triste rescaldo de misérias de vária ordem.

Apesar dos cartéis das drogas e dos crimes debocharem da Justiça, da Ordem, do equilíbrio e das instituições estabelecidas, Jesus continua sendo o Grande Libertador, ensejando perfeita igualdade das criaturas, nos seus deveres e direitos, conclamando à vera fraternidade que o Amor sustenta e felicita.

Por mais difícil nos possa parecer, apliquemo-nos no fiel cumprimento de nosso dever, às vezes tão antagónico como os desejos do coração.

Segundo Lázaro², “o dever é a lei da vida; é a obrigação moral da criatura consigo mesma”. Aí está o princípio de nossa libertação. Para tal, não podemos olvidar a obediência e a resignação que também, segundo Lázaro³, “são as duas virtudes companheiras da doçura e muito activas, se bem que o homem erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação, é o consentimento do coração, forças activas ambas, porquanto carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair”.

Mesmo as circunstâncias exteriores adversas não conseguirão escravizar-nos intimamente se não nos deixarmos vencer por suas injunções. Libertemo-nos, assim, o quanto antes, das mazelas voluntárias que, muitas vezes, se originam de nossa leviandade, descaso e ignorância.

Utilizando-se da mediunidade de Divaldo Pereira Franco, o nobre Espírito Vianna de Carvalho afirmou¹:

“(...) O Espiritismo que actualiza e restaura o pensamento de Jesus, na Terra, representa a carta de alforria para os escravos de si mesmos, que tombam nas armadilhas douradas e ilusórias deste momento de grande transição.

“Quando as mentes aceitarem essa mensagem do Cristo Libertador e se conscientizarem das responsabilidades espirituais que lhes dizem respeito, reflexionando com seriedade nas leis da reencarnação, o poder da força e das paixões primitivas cederá lugar à força do Amor e da fraternidade, construindo um mundo feliz, no qual a paz se tornará a realidade legítima para todas as vidas”.

1 – FRANCO, Divaldo. *Reflexões Espíritas*. Salvador: LEAL, 1992, Cap. 14.

2 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 129 ed. Rio (de Janeiro): , FEB, 2009, cap. XVII, item 7.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

DISTANCIADOS DE DEUS

Ontem ouvimos de uma pessoa a seguinte frase: “Deus não está olhando mais para o mundo”. Muitos pensamentos e deduções cabem nesse extravasamento. Antes de mais nada, o cidadão pelo menos crê na existência de Deus, de contrário ele não diria que Deus não olha mais para o Mundo.

Segundo, que Deus abandonou os seus filhos. Achamos que pelo desespero – qualquer de nós seres humanos, fracos, faltosos limitados, estamos sujeitos a expressar-nos mais ou menos dessa forma. Mas, em nosso entender, dizemos o contrário. Nós é que nos estamos distanciando de Deus.,

Levando em consideração as atitudes, os comportamentos, o modo de vida que levaram os nossos antepassados e as formas de vida que levamos no mundo odierno, a diferença é muito grande. Antigamente, o homem amava, adorava realmente a Deus; hoje ele não tem tempo – alega – de lembrar-se d’Ele. Por outro lado, as misérias, as transgressões que a cada momento vão de encontro à sua Lei, não dão mesmo condições de olhar a sua face, de ouvir a sua voz. A fraternidade, o espírito de união, o chamado amor ao próximo está a curto prazo desaparecendo, dando lugar aos mais sórdidos crimes e perseguições, desagradando a Lei do Pai, que é perfeita, intransferível e eterna.

É bem verdade que nas páginas da história da humanidade estão registadas várias revoluções e guerras fratricidas, dizimando uma infinidade de pessoas – algumas até aparentemente sem culpa – tirando aquela paz tão almejada por todos. Mas, convenhamos, não haviam – como se registam hoje -. a arquitectura maquiavélica de seres humanos para a eliminação de outros, muitas vezes de formas das mais horríveis que se possa imaginar.

Os homens precisam urgentemente modificar o “!modus vivendus”, precisam ter mais calor humano. Precisam lembrar-se que a peregrinação de N. S. Jesus Cristo não foi por mero acaso ou para divertimento dos homens: não; foi transcendental o amor de Deus pelos homens que “enviou o seu filho unigénito para todo aquele que crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.

A Doutrina Espírita, hoje codificada por Allan Kardec, veio coadjuvar, veio reforçar, veio abrir clareiras, das indecisões e interpretações errôneas no sentido de facilitar as missões que cada ser humano está na obrigação de executar em colaboração na obra divina.

Os homens no presente estão muito materializados, os interesses na obtenção dos bens materiais cegam a realidade das suas reais atribuições e, como tal, vão-se perdendo no emaranhado do tempo.

Ultimamente tem-se registado muito maior número de terremotos e de grande magnitude, ceifando centenas de vidas quase sempre indefesas, mas devedoras, isto é, com um karma de vidas pregressas muito comprometidos.

Aquele cujo comportamento, cujo trabalho é honesto, cujo coração é impregnado de luz e do amor de Deus, embora viva no meio da catástrofe, essa não o atinge. Vemos isso ultimamente em vários lugares, em que edifícios são desmoronados e pessoas salvam-se de modo impressionante.

Deus é lógico, não desampara ninguém mas também respeita o livre arbítrio, pois o homem já chegou a um grau de desenvolvimento de conhecimento, na distinção do bem e do mal que pode fazer por si só; sabe o que lhe convém, portanto, os seus sofrimentos, dores, alegrias, contentamentos, progressos ou estacionamentos, dependem exclusivamente de cada um.

A ajuda de Deus existe e é imprescindível, mas somente àqueles que se interessam, que demonstram o desejo de participar, real e sadiamente, das suas grandezas. Esse o nosso modo de entender porque nos estamos distanciando de Deus, e não Deus de

nós: porque mesmo nas mais cruciantes circunstâncias em que nos coloquemos, Ele sempre nos ampara.

JOSETE MENDONÇA

(In: Revista portuguesa ora desaparecida, ESTUDOS PSÍQUICOS, Julho de 1977).

*

T Â N T A L O S

Lembram-se os amigos da descrição mitológica do suplício de Tântalo? Condenado pelos deuses a sofrer fome e sede abrasadoras, embora em meio às águas de um rio, não conseguia sorvê-las, nem alcançava, com as mãos, os frutos das árvores que pendiam sobre a sua cabeça.

Assim ocorre também connosco, sempre que, condenados por nossas próprias culpas e limitações, não nos valemos da fartura das bençãos divinas que enxameiam sobre nós.

Evidentemente, não será jamais por avareza da Misericórdia do Céu que sofreremos dificuldades e penúrias. Se vergamos ao peso de angústias e enfermidades, restrições e vicissitudes; se o chão requeima sob os nossos pés; se dentro de nós sibilam ventos tempestuosos e nossa alma se encrespa e revolta como oceano encapelado, não culpemos a Providência Celeste nem nos percamos em lamentações. Aprendamos a distender suficientemente os braços, para alcançar os pomos de paz e luz que a Árvore da Vida sempre nos oferece e esforcemo-nos por beber da linfa sublime do amor, que a Paternidade de Deus

nos dá, sem cessar, todos os dias e todas as noites de nossa existência.

Nunca existiu nem jamais existirá limitação no amparo que de Cima se derrama sobre todos os filhos do Altíssimo, mas temos de desenvolver, em nós próprios, a capacidade de receber o auxílio do Alto e de incorporar a força divina que nos impele à perfeição.

Tântalos seremos apenas até que nos coloquemos, consciente e efectivamente, na condição de filhos e herdeiros do Senhor de tudo e de todos, a quem devemos render graças e glória pelos séculos dos séculos.

FONTES DA LUZ

(In: CORREIO ENTRE DOIS MUNDOS, médium Hernâni de Santana. Ed. FEB Rio (RJ), Brasil, pgs. 162/3).

*

AUTENTICIDADE DOS EVANGELHOS

***Há somente uma religião, embora sejam
Cem as suas versões – BERNARD SHAW***

Os escribas e fariseus levaram à presença de Jesus uma mulher adúltera e disseram:

- Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?

Antes de emitir opinião conclusiva a respeito, “Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo”. (João, 8: 3 a 6).

Se é que se não queira ver, aí, apenas um gesto simbólico, foi essa a única ocasião em que o excelso Rabi teria escrito algo ao longo de todo o seu ministério messiânico. E o que porventura escreveu, ninguém o saberá jamais. Na verdade, serviu-se unicamente da palavra falada para transmitir sua mensagem de Bondade e Amor.

Tudo o que sabemos acerca de Jesus e sua doutrina é o que se conservou da tradição oral, que deu origem a numerosos relatos escritos, nem sempre concordantes, e que só vieram a ser elaborados após transcorrido considerável tempo de Sua morte.

Tanto isso é certo que, no **Evangelho segundo Lucas**, lê-se, logo no início:

“ Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos factos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o principio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra...”

Ao que informa A. Sebatier, decano da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, somente do ano 60 ao 80 apareceram as primeiras narrativas: a de Marcos, considerada a mais antiga, e, depois, as narrações atribuídas a Mateus e Lucas, não passando todas elas de escritos fragmentários.

No fim do século I, de 80 a 98 – refere Léon Denis – surgiu o Evangelho de Lucas, bem como o de Mateus, o primitivo, actualmente perdido. De 98 a 110 apareceu, em Éfeso, o evangelho de João.

Muitos outros evangelhos vieram à luz. 50, segundo uns; 30, segundo outros. Cada um com o seu estilo e suas peculiaridades, não raro diferindo substancialmente dos outros e, às vezes, contendo exageros e inverdades manifestos. Questões dogmáticas passaram a agitar o mundo cristão. Variavam as interpretações. Gerou-se a confusão.

Resolve então o Papa Dâmaso, no ano de 384, designar São Jerônimo para a estafante tarefa de redigir uma tradução latina do Antigo e do Novo Testamento. Tradução que importava na aturada selecção de uma imensa variedade de textos, o que obrigava o tradutor a profundas modificações. Era bem de ver que, desse jeito, muito difícil seria alcançar a pureza desejável na pesquisa da verdade. Honestamente o reconhece São Jerônimo, que confessa em carta ao Papa Dâmaso:

“De velha obra me obrigais a fazer obra nova. Quereis que, de alguma sorte, me coloque como árbitro entre os exemplares das Escrituras, que estão dispersos por todo o mundo e, como diferem entre si, que eu distinga os que estão de acordo com o verdadeiro texto grego. Qual, de facto, o sábio e mesmo o ignorante que, desde que tiver nas mãos um exemplar (novo), depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros?” **Obras de São Jerônimo** – edição dos Beneditinos, 1693).

Apesar de já tão eivada de deturpações (acréscimos, substituições e corrigendas), essa tradução oficial, que se tornou conhecida por **Vulgata**, continuou a sofrer novas transfigurações. Alguma coisa que foi aprovada no Concílio Ecuménico de Trento,

em 1546, Sixto V declarou insuficiente e errada em 1590. Outra revisão, levada a efeito por sua autorização e que trazia o seu nome, “foi modificada por Clemente VIII em uma nova edição, que é a que hoje está em uso e pela qual têm sido feitas as traduções francesas dos livros canónicos, submetidos a tantas rectificações através dos séculos”. (**Cristianismo e Espiritismo** – Léon Denis).

Leblois, pastor de Estrasburgo, afirma que, na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva e na do mosteiro de Saint-Gail, viu “manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda”. Não se infira de tudo isso que negamos a inspiração divina que emerge, fulgurante, dos tumultuários textos evangélicos. Os evangelistas eram médiuns inspirados. O que se faz imprescindível é peneirar o bom trigo que está misturado com muito joio.

Concordamos com C. G. S. Shalders, que escreve no seu livro **A Religião e o bom senso**:

“Chegamos, portanto, à conclusão lógica e irrefutável encontramos na Bíblia muita coisa boa, muita coisa que edifica, que contribui para o nosso desenvolvimento espiritual, que, portanto, pode ser aceite como a Palavra de Deus; mas não podemos, e não devemos aceitar às cegas tudo o que la diz; é preciso fazer passar tudo pelo cadinho da Razão, do bom senso. Procedendo assim estaremos honrando a Deus, que nos deu a Razão para ser a lâmpada que alumia o nosso caminho”.

AURELIANO ALVES NETTO

(In Revista portuguesa ora desaparecida, ESTUDOS PSIQUICOS, Julho de 1976).

ORAÇÃO DA PAZ DE ESPÍRITO

Eu sei, Senhor,
Que as dificuldades são inevitáveis...
Quero ter forças para não fugir delas...
E peço Vossa ajuda
Para transformar cada problema meu
- Simples ou grave –
Em exercício positivo para a evolução
De minha alma...
Que cada aflição seja um teste divino
Para me indicar o caminho
De verdadeira e infinita felicidade...

Oh! Senhor,
Eu não peço que afastes de mim as dificuldades,
Mas que me anime a enfrentá-las
E que me ilumine
Para sair bem de todas elas...
Dai-me, Senhor, agora e sempre,
A Vossa Paz,
E obrigada por me dar a certeza
De que tudo vai dar certo. Assim Seja.

(Prece atribuída a Chico Xavier. Será?)

L U X O

Fizeram-nos acreditar que **luxo** era o raro, era o caro, era o exclusivo, era... tudo aquilo que nos parecia inalcançável!

Agora, nos damos conta que **luxo** eram aquelas pequenas coisas que não sabíamos valorizar:

- Luxo é estar são.
- Luxo é não pisar num Hospital.
- Luxo é passear pela orla do mar.
- Luxo é poder sair à rua e respirar sem máscara.
- Luxo é podermos reunir-nos com toda a família, com os amigos...
- Luxo são os olhares.
- Luxo são os sorrisos.
- Luxo são os abraços e os beijos.
- Luxo é desfrutar de cada amanhecer.
- Luxo é o privilégio de amar e estar vivo.

Tudo isso é um **luxo e nós não o sabíamos!**

(Recebido de uma amiga, mas ignorando a autoria referente ao texto).

*

LUMINOSA ALIANÇA

Do País da Luz contemplo, desvanecido, as luzes magníficas que clareiam os nossos terrenos países e que neste glorioso instante se entrelaçam, qual se fora para ainda mais ligá-los através da ponte multicolorida de um arco-íris de amor.

Dir-se-à, talvez, que não é deles que nascem e se projectam esses maravilhosos raios; que toda a luminosidade terrestre deriva da grande lâmpada solar e não passa de simples reflexos; que tudo na face do orbe é ilusão, clareada pelo esplendor do Sol, apesar da condição opaca do nosso pobre planeta.

Sim, dir-se-à tal, quem sabe? Nada obsta, porém, que a luz da grande estrela tudo vivifique e faça resplender; que nasça, cada dia, uma manhã festiva; que as flores desabrochem, ridentes, nas hastes, e que os frutos amadurem nas árvores fecundas.

Nada obsta, igualmente, que o Amor Solar do Cristo seja reflectido pelas almas sinceras e plenas de ideal, e que esses reflexos, de sublimada beleza, espanquem, sobranceiros e vitoriosos, os novelos de treva que tanta vez ameaçam a face de nossos alcantis.

Se Ismael e Heilil se entrelaçam na luz de excelsa fraternidade e erguem, juntos ao Arcanjo Supremo, o pensamento em prece, o mover de seus braços intangíveis cria jorros de tão intraduzível claridade, que nenhum Sol físico jamais conseguiria fabricar.

Portugal e Brasil, fiéis à augusta missão que o Mestre Excelso lhes assinalou, no Tempo e na História, selam agora

portentosos compromissos de fundação evangélica, à face de todo um porvir que desde já se parteja, no berço generoso de uma aliança de trabalho comum e amor construtivo.

Felizes operários, em serviço nestas terras benditas, neste momento de glórias indizíveis, somos naturais beneficiários dessa alvorada que jamais entardecerá, ainda que nuvens gigantescas possam temporariamente dar a impressão de noite irreversível.

Avante, pois, Amigos e Irmãos, na faina abençoada que o Grande Arquitecto comanda do Infinito!

Do chão da nossa solidariedade fraterna e alma, se erguerá o mundo novo – a Nova Jerusalém que nunca será destruída.

FERNANDO DE LACERDA

(Mensagem recebida pelo médium Hernâni T. de Sant'Ana, na noite de 22-11-1979, no 'Grupo Ismael', na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro – RJ, a quando da visita que Maria Raquel Duarte Santos, em substituição do Presidente da Federação Espírita Portuguesa, Jorge Raimundo, incapacitado de viajar devido a doença prolongada, fez àquele país, correspondendo ao convite que a F.E.B. fizera à nossa Federação).

*

PERÍODOS DO ESPIRITISMO

Refere-se Kardec a sucessivos períodos que seriam experimentados pelo Espiritismo, desde que se fizeram notados, com grande intensidade, os fenómenos e manifestações

provocados pelos Espíritos no mundo dos encarnados: o período da *curiosidade*, o *filosófico*, o da *luta*, o *religioso*, o *intermediário* e o da *regeneração social*.

Esse curioso estudo do Codificador foi publicado pela ‘Revista Espírita’, no número de Dezembro de 1863, fazendo-se acompanhar de duas longas mensagens mediúnicas do Espírito Erasto, recebidas em 14 de Agosto e 25 de Fevereiro daquele ano, ilustrativas de que o Movimento Espírita estava vivendo o período de lutas, terceiro estágio da classificação (Revista Espírita – 1863 – páginas 377 a 386 – Edicel).

O período da *curiosidade* corresponde à época das mesas girantes, com toda a fenomenologia que por alguns anos entreteve a curiosidade nos salões da Europa.

O *filosófico* é marcado pela publicação de ‘O Livro dos Espíritos’. Nele estão definidos os postulados da novel doutrina. Abrem-se horizontes infinitos com esse livro, na realidade muito mais que um livro, uma vez que nele há revelações de carácter transcendente para toda a Humanidade. Síntese filosófica dos ensinamentos dos Espíritos, essa obra estava destinada a renovar a Fé, não a destruí-la, oferecendo solução aos problemas do Ser, entrevistos pelas demais filosofias. Por isso encontraria fatalmente opositores, especialmente os interessados na permanência e predominância das ideias até então vigentes. E como toda ideia nova, verdadeiramente grandiosa, contraria interesses assentes e dominantes, o Espiritismo, como doutrina revolucionária – no sentido de revelar coisas novas – cedo seria combatido, contrariado, perseguido, espezinhado, ridicularizado.

Começa então o período que Kardec denomina da *luta*, assinalado inicialmente pelo auto-de-fé de Barcelona, a 9 de Outubro de 1861.

“Foi dada a palavra de ordem: sermões furibundos, mandamentos, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia. Estamos, pois, em pleno período de luta, mas este não terminou”.

São palavras do Mestre de Lyon, ao sentir o peso dos ataques desencadeados pelos inimigos ferrenhos das novas ideias de que se fizera arauto.

Entretanto, o missionário não cederia, nem desanimaria diante dos ataques. Pelo contrário, mantinha-se firme na estacada, prevenindo-se contra novos métodos e táticas dos adversários, ao mesmo tempo que procurava levantar o ânimo dos espíritas.

É no Evangelho de Jesus que vai buscar o ânimo para si e para os seguidores da Doutrina, concitando-os a lembrarem-se desta passagem evangélica:

“Felizes os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o reino dos céus. Sereis felizes quando os homens vos carregarem de maldições e vos perseguirem e falsamente disserem todo mal contra vós por minha causa. Rejubilai-vos então e tremei de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus. Porque assim eles perseguiram os profetas que vieram antes de vós,” – (Mateus, 5:10-12).

Na previsão do Codificador, ao período da luta, então experimentada, sucederia o período **religioso**. Depois viria o **intermediário** e, finalmente, o da **regeneração social**.

As mensagens assinadas por Erasto mostram a necessidade das lutas, convocando os espíritas a unirem-se para que o inimigo encontre fileiras compactas e cerradas. Sua palavra de ordem é *coragem e perseverança*. Na segunda, datada de 25 de Fevereiro de 1863, o antigo discípulo de Paulo de Tarso mostra a interferência do mundo espiritual inferior contra o Espiritismo. Médiuns despreparados e criaturas influenciáveis prestam-se à intermediação para que os hábeis inimigos desencarnados estabeleçam os conflitos prejudiciais ao Movimento.

São peças que merecem relidas e meditadas em nossos dias, tais os conceitos e verdades que encerram, alertando-nos contra os adversários de fora e de dentro do Movimento Espírita e contra os períodos da invigilância.

*

Comentando o estudo do Codificador, ora focalizado, o livro “Allan Kardec”, vol. III, pg. 98, de Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, assim se expressa:

“Na colocação dessas fases do Movimento Espírita, não deixa dúvida que o missionário foi altamente inspirado pelo Espírito da Verdade, mas cremos que Ele, Kardec, apressou-se, por conta própria, em fixar o tempo para cada um dos períodos. Aliás, quando Jesus anunciou a vinda do Consolador, também julgaram que tal acontecimento se daria num tempo bem próximo àquela época, achando alguns que a promessa se cumprira no dia de Pentecostes. No entanto, só no século XIX, ele, o Consolador

prometido, desceria até nós, para restabelecer e explicar-nos todas as coisas.

Na verdade, estamos agora vivendo o período religioso do Espiritismo, máxime no Brasil, onde, faz mais de cem anos, “os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos, o têm apresentado tal qual é, na sua mensagem cristã e renovadora do espírito humano.

Talvez já se avizinha o período intermediário, que será, como esclarece o Codificador, “consequência natural do precedente”, e, a nosso ver, deverá levar o homem a um novo passo no conhecimento de si mesmo e do chamado mundo invisível, a evidenciar para materialistas e negativistas empedernidos o princípio fundamental em torno do qual gira o nosso destino: Deus e a imortalidade da alma”.

De facto, tendo vivido as três primeiras fases do Espiritismo e adentrado no quarto período, o **religioso**, Kardec pode caracterizá-los e situá-los no tempo. Já no que concerne ao religioso, que se desdobra até aos nossos dias, continuará ele por tempo indefinido, até que, como força actuante sobre a Humanidade, ou grande parte dela, consiga transformá-la moral e espiritualmente.

Só então estariam sendo alcançados os períodos intermediário e de regeneração social, situados pelo Codificador em pleno século XX, quando esperava que todos os obstáculos à nova ordem de coisas houvessem desaparecido.

*

Uma observação se impõe. Hoje, quando a Doutrina dos Espíritos, superando todas as dificuldades próprias de um mundo material atrasado como o nosso, permanece íntegra na sua marcha

pelo século II de uma nova era – as fases ou períodos previstos não são estanques ou exclusivos, vale dizer, qualquer deles pode coexistir com os demais, enquanto se vai elaborando a grande transformação espiritual da Terra, sabiamente lenta. Isto se torna mais compreensível quando se atenta para o facto de que nem todos os adeptos se encontram no mesmo estágio de entendimento e de vivência da Doutrina. Podemos perceber, dentro da perspectiva que nos oferece a comunidade de adeptos e simpatizantes, profunda diversidade de situações individuais e de grupos. Enquanto muitos permanecem ávidos por vivenciar ou presenciar a variada fenomenologia proporcionada pelos Espíritos, situando-se na primeira fase, outros tantos interessam-se pelo aspecto filosófico, esclarecedor por excelência das milenárias indagações do género humano, ou pelas pesquisas científicas intimamente ligadas ao Espiritismo.

No Brasil, especialmente, sem prejuízo dos demais aspectos da Doutrina, é inegável a inclinação da imensa maioria dos adeptos pelas consolações que ela proporciona, dando à Fé uma nova dimensão, conciliando-a com a Razão. É a *Religião*, como expressão actualizada da Mensagem Eterna do Cristo, revivida no Consolador.

De outro lado, não será necessário grande esforço por identificar a influência, directa ou indirecta, dos princípios enfeixados por Kardec no corpo doutrinário da chamada Terceira Revelação, sobre as sociedades humanas. Inclusive, as religiões tradicionais, ditas cristãs, vão recebendo, quase imperceptivelmente, o benéfico influxo do Consolador no Mundo. A Lei do Progresso faz-se presente em toda a parte, mesmo a contragosto dos que se apegam encarnadamente aos conceitos e preconceitos estratificados. A desencarnação e a reencarnação são

poderosos meios de transformação dos Espíritos, por mais que se mostrem rebeldes.

As ciências sociais e humanas, as ciências morais, naturais e normativas, todo o conjunto de conhecimentos do homem já está recebendo a influência benéfica, porque o Espiritismo age, independentemente de sua acção directa sobre as criaturas, semelhantemente ao fermento na massa: dissolve-se, torna-se invisível mas faz-se presente através da fermentação. É a força da Verdade, tantas vezes abafada, reprimida, mas ressurgindo sempre, porque é eterna.

Por isso os dois últimos períodos pressentidos por Kardec já estão sendo vividos no vasto campo da experiência humana, talvez incipientemente por ora; todavia, a força do Espiritismo ampliar-se-à continuamente, na medida e na proporção do progresso espiritual lento, mas contínuo da Humanidade.

Simultaneamente, as lutas continuarão, as fileiras dos simpatizantes ampliar-se-ão, os adeptos agrupar-se-ão nas diversas províncias do Espiritismo, de conformidade com a capacidade de compreensão e da faixa evolutiva em que cada um se encontre.

Numa visão global do nosso mundo, campo de acção da bendita Doutrina dos Espíritos, ela jamais perderá o sentido de Unidade dentro da diversidade de situações, tal como ocorre com o vero Cristianismo.

Os que têm olhos abertos não podem perder de vista a planificação geral, que não é dos homens mas do Alto.

A cada espírita sincero, aprendiz das verdades eternas, com a responsabilidade enorme que lhe traz o conhecimento, compete

incorporar-se às fileiras dos que se colocam a serviço do Bem, na obra de regeneração da Humanidade, superiormente dirigida pelo Cristo de Deus.

O Mundo vive uma terrível hora de transição de sofrimentos e de inquietações, atingindo-nos a todos. Em compensação, nas hostes espiritistas já existe a consciência de que sou a hora da grande arrancada para a Fraternidade, para a compreensão, para o Amor entre os homens.

JUVANIR BORGES DE SOUZA

(In Revista Espírita REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, Novembro de 1981. O autor do artigo foi Juiz e Presidente da F.E.B., tendo sucedido, neste cargo, a Francisco Thiesen).

*

PAI NOSSO

Pai Nosso, que estás nos céus, Na excelsitude da vida, Ouve a prece comovida Envolta em doce emoção; Ampara-nos com teu palio, Força viva no Universo, Sob o teu amor disperso, Em contínua criação.	Que seja santificado Teu nome em doce louvor, E abençoa-nos, Senhor, Do cimo em áureos brilhos! Somos teus servos na estrada, Descalços, rotos, a pé, Buscando sentir na fé A condição de teus filhos.
---	---

E venha a nós o teu reino
De esplêndida harmonia,
Oferta-nos, cada dia,
A luz da tua vontade;
Seja na Terra ou nos céus,
Na paz do discernimento,
Teu Verbo é eterno alimento
Para a nossa Humanidade.

E perdoa os nossos erros
Em tormentosos deslizes,
Dá-nos tuas directrizes
Que nos mandam progredir;
Mas liberta-nos das sombras
Do mal e das tentações,
Rompendo algemas, grilhões,
Na construção do porvir.

Que possamos, reverentes,
Perdoar nossos algozes,
Inimigos mais atrozes,
Assim como nos perdoas;
Nas sendas de nossas vidas,
O equilíbrio e a sanidade
Renteiem-se à caridade
Das almas cândidas, boas.

Pai santo – piedoso e justo,
Sempiterno e onisciente,
Buscamos-te o amor presente
No bem que em nós viceja...
Queremos seguir teu Verbo,
Caminho, Verdade e Luz,
Que à elevação nos conduz
Por todo o sempre! Assim Seja!

JOSÉ SILVÉRIO HORTA, Monsenhor.

(Médium: Júlio César Grandi Ribeiro).
(Transcrito da nossa revista, COMUNHÃO, nº. 98, de
(Setembro/Outubro de 1977. Ignoramos em que livro este Poema
foi publicado, mas entendemos dever incluí-lo, também, na
“colecção” de ‘Pai Nossos’ que estamos a publicar).

*

